



Cultos e corpos: uma leitura socioteológica da idolatria e da prostituição em Oséias 2,4-16

Worship and bodies: a socio-theological reading of idolatry and prostitution in Hosea 2:4-16

Rui Caetano Vasconcelos Silva ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Como citar: SILVA, Rui Caetano Vasconcelos. Cultos e corpos: uma leitura socioteológica da idolatria e da prostituição em Oséias 2,4-16. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 03, p. 577-593, set./dez. 2025. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.A004>

Resumo

A perícopo de Oséias 2,4-16 apresenta a idolatria como prostituição, ligando a infidelidade de Israel Norte ao culto aos baalins em um contexto de sincretismo religioso e prosperidade desigual, que Oséias aponta como causa do cativeiro assírio. O texto evidencia interesses políticos das elites de Judá após a queda de Samaria, sugerindo que os oráculos foram redigidos para legitimar projetos de poder. A análise socioteológica mostra que alianças com nações estrangeiras e a adoração a outras divindades levaram ao cativeiro Israel Norte. A metáfora do processo jurídico contra a esposa infiel denuncia a idolatria como violação da aliança com *YHWH*, enquanto ameaças de nudez e exílio simbolizam punição divina e perda da fertilidade, essencial à subsistência agrícola. A prostituição, nesse contexto, revela-se um fenômeno social coletivo, associado a imposições econômicas estatais, não apenas a casos individuais. A participação masculina e a corresponsabilidade coletiva, frequentemente ignoradas, evidenciam conexões entre sexualidade, religião e tributação. A profecia de Oséias denuncia, assim, não apenas a idolatria como

^[a] Doutorando em teologia pela PUC Paraná. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em teologia pela faculdade teológica Batista de São. Licenciado em história pelo Centro universitário FAEP. E-mail: profcaetano@gmail.com

transgressão religiosa, mas também um sistema sociopolítico que explorava corpos e recursos, conclamando à revisão das relações socioeconômicas e espirituais do povo.

Palavras-chave: Prostituição. Idolatria. Divindades. Corpos. Arqueologia. Nações. Cativo.

Abstract

The pericope of Hosea 2:4-16 presents idolatry as prostitution, linking the unfaithfulness of Northern Israel to the worship of the Baals within a context of religious syncretism and unequal prosperity, which Hosea identifies as the cause of the Assyrian captivity. The text highlights the political interests of Judah's elites after the fall of Samaria, suggesting the oracles were written to legitimize power projects. Socio-theological analysis shows that alliances with foreign nations and the worship of other deities led to Northern Israel's downfall. The metaphor of a legal process against the unfaithful wife denounces idolatry as a breach of the covenant with YHWH, while threats of nakedness and exile symbolize divine punishment and loss of fertility, essential for agricultural subsistence. In this context, prostitution emerges as a collective social phenomenon tied to state economic impositions, not just individual acts. Male participation and collective responsibility, often ignored, reveal connections between sexuality, religion, and taxation. Hosea's prophecy thus denounces not only idolatry as religious transgression but also a sociopolitical system that exploited bodies and resources, calling for a reevaluation of the people's socioeconomic and spiritual relationships.

Keywords: Prostitution. Idolatry. Deities. Bodies. Archaeology. Nations. Captivity.

Resumen

La perícopa de Oseas 2:4-16 presenta la idolatría como prostitución, vinculando la infidelidad de Israel del Norte al culto a los baales en un contexto de sincretismo religioso y prosperidad desigual, que Oseas señala como causa del cautiverio asirio. El texto evidencia los intereses políticos de las élites de Judá tras la caída de Samaria, sugiriendo que los oráculos fueron redactados para legitimar proyectos de poder. El análisis socio-teológico muestra que las alianzas con naciones extranjeras y la adoración a otras divinidades llevaron al cautiverio de Israel del Norte. La metáfora del proceso jurídico contra la esposa infiel denuncia la idolatría como violación de la alianza con YHWH, mientras que las amenazas de desnudez y exilio simbolizan el castigo divino y la pérdida de fertilidad, esencial para la subsistencia agrícola. En este contexto, la prostitución se revela como un fenómeno social colectivo vinculado a imposiciones económicas estatales, no solo a casos individuales. La participación masculina y la corresponsabilidad colectiva, frecuentemente ignoradas, evidencian conexiones entre sexualidad, religión y tributación. La profecía de Oseas denuncia así no solo la idolatría como transgresión religiosa, sino también un sistema sociopolítico que explotaba cuerpos y recursos, exhortando a revisar las relaciones socioeconómicas y espirituales del pueblo.

Palabras clave: Prostitución. Idolatría. Divinidades. Cuerpos. Arqueología. Naciones. Cautiverio.

Introdução

Acredita-se que a perícope de Os 2, 4 -16 apresente o culto as divindades e a confiança nas nações vizinhas como idolatria de Israel Norte. Segundo Romer (2010, p. 465), o tema da idolatria é fustigado em todo o livro e apresenta-se como motivo para destruição do povo. Compreende-se que o tema da adoração aos baalins já foi abordado em várias pesquisas, sendo inclusive denominada na perícope como prostituição Os 2,5, e como ela contribuiu para que Israel Norte fosse levado para o cativeiro Assírio (Os 10,2-6).

Deve-se levar em conta, que o texto precisa de dedicação e atenção minuciosa. Visto que, o texto não é um objeto de pesquisa que foi desvendado, mas está sendo apurado. Baseada em tais observações, Tânia Sampaio (1993, p. 37-38) sugere a necessidade de se lançar novos olhares sobre a profecia oseânica. Jacques Le Goff (2012, pp. 509 - 523) nos ensina que todo documento é um monumento. Um monumento pode estar ligado a um poder, e entre outros objetivos apresentar a lembrança de uma dinastia, ou até a perpetuação de grandes nomes nas sociedades.

Sendo assim, o documento precisa ser investigado com criticidade, pois em muitas culturas iletradas do mundo antigo, quem fornecia “a visão dos fatos” eram os detentores da escrita, do monopólio discursivo. O documento também servia para a legitimação de grupos interessados na manutenção e sustentação do seu poder. Sendo assim, o documento precisa ser investigado com criticidade, pois em muitas culturas iletradas do mundo antigo, quem fornecia “a visão dos fatos” eram os detentores da escrita, do monopólio discursivo. Assim sendo, a análise da perícope com novos olhares, ou por meio do método proposto por Le Goff leva-nos a um outro olhar para a Bíblia Hebraica, pois teremos que analisar criticamente Os 2,4-16 para entender a adoração às divindades cananeias e suas consequências para Israel Norte.

Possível contexto literário

Para Jacques Le Goff (2012, pp. 509-523) precisamos estudar valores, crenças, imaginário coletivo e modos de pensar das sociedades. O historiador deve “desconfiar” das fontes: elas refletem interesses de poder; não são neutras. Por isso, tentaremos analisar o contexto literário com olhar de teólogo, mas também com a lente de um historiador. Percebe-se que depois do desastre ocorrido à Israel Norte em 722 AEC, inicia-se um processo de centralização do culto em Jerusalém. O culto ao bezerro de ouro, instituído por Jeroboão, filho de Nabat, que segundo a narrativa deuteronomista, II Rs 12, 26-33, criou altares em Betel e Dã. Segundo Lima (2019, p. 26) depreende-se que os testemunhos Bíblicos disponíveis são em sua maioria provenientes do reino de Judá. Isso, por conta de os textos Bíblicos terem se formado, a partir de círculos da elite do reino do Sul, com a queda de Israel Norte. No que diz respeito a Israel Norte, Lima diz que a crítica do culto a outros deuses, acontece principalmente em textos que estão relacionados aos profetas, Elias, Eliseu Amós e Oséias.

Ao analisar o texto de Os 2,4-16 entende-se que Oséias se dirige a Gomer sua mulher, entretanto, usa essa linguagem para denunciar as transgressões de Israel Norte, e mostrar o julgamento de *YHWH* sobre seu povo, particularmente Samaria Os 2,5-7. Em Os 1,2-3,5, percebe-se a utilização de atos simbólicos para transmitir os oráculos de *YHWH* e seus desígnios. De acordo com Romer, (2010, p. 465 - 469). Por meio dessa linguagem simbólica, a perícope apresenta o casamento de Oséias com Gomer e o nascimento de seus filhos, a fim de denunciar a situação do estado e de suas instituições. Pela primeira vez, a imagem do casamento é empregada para representar as relações entre *YHWH* e seu povo.

Sugere-se que na época em que a redação dos oráculos aconteceu, já existia conhecimento de parte dos mandamentos de *YHWH*, inclusive, para que não tivessem outros deuses e não fizessem imagem de esculturas Dt 5,7-10. Em Os 4,1-2; 4,6, encontramos denúncias dos pecados de Israel Norte e relatos das transgressões que

aconteciam por falta de conhecimento. Talvez alguns de seus oráculos tenham sido acréscimos sob a perspectiva de Judá Os 1,7¹.

Segundo Kaefer (2015, p. 15), “[...], boa parte do conteúdo existente na Torá pertence ao período pós-exílio, visto que, encontramos no pentateuco leis ligadas ao templo, ou que estavam ligadas às ideologias e interesses da elite do templo”. Todavia, essas leis do decálogo, não surgiram da noite para o dia, por mais que em Ex 19 - 24, esteja registrado que Moisés as recebeu de *YHWH* no Sinai, entretanto, percebemos que essa tradição foi construída ao longo do tempo. do tempo, e não como se Moisés tivesse recebido de uma hora para outra (Gunneweg, 2005, p. 94-114). Segundo Cecília Toseli, (2015, p. 459) “é possível que antigas rivalidades entre a adoração existente no templo de Judá, e o santuário de Betel, tenham aflorado. Especialmente o culto a *YHWH*, que era representado em forma de touros, diferentemente da tradição do culto a *YHWH* em Jerusalém”. Sobretudo, a oposição a outras formas de culto destinadas a *YHWH* e outras divindades masculinas e femininas, em várias localidades, tanto em Israel, como em Judá, também passaram a ser condenadas (Os 8,5-6; 14,9).

Imagina-se que o culto ao Bezerro de ouro que acontecia em Israel Norte, não foi condenado por Elias e Eliseu, que exerceram atividade profética entre 874-798 AEC². Elias condenou o culto a Baal e Ashera, IRs 18,20-40. Apesar disso, não encontramos registro desses profetas condenando a adoração aos Bezerras de ouro que eram comparados à *YHWH* e que foram considerados como “pecado de Jeroboão” IIRs 3,1-3. Por quê será que não há registro Bíblico destes profetas fazendo valer o mandamento que se encontra em Ex 20,4 sobre não esculpir imagem do que há lá em cima no céu, ou em baixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra?

Sendo pouco provável, que profetas da estirpe de Elias e Eliseu não dessem atenção a um mandamento como esse. Quiçá, os oráculos de *YHWH* contidos no livro de Oséias, não abarquem ideologias sacerdotais de Judá e do templo de Jerusalém. Pois, como pretendemos apresentar nesta perícopa, entende-se que um dos protestos principais do profeta contra Israel Norte, considerados como motivo da destruição e cativo, foi a adoração as divindades e a confiança nas nações (Os 13,1-3).

Possível contexto histórico de OS 2, 4 – 22

Jacques Le Goff (2012, pp. 509 - 523) nos mostra que a história não é apenas a narração de eventos, mas a investigação profunda das estruturas mentais, sociais e culturais, com senso crítico diante das fontes e foco nas continuidades históricas, e para isso, compreendemos ser necessário analisarmos alguns textos bíblicos de Oséias e nos basearmos nas informações de alguns autores e pesquisadores que abordam sobre o livro Entende-se que o profeta Oséias (filho de Beeri) exerceu sua atividade em Israel Norte, durante o reinado de Jeroboão II, entre 783-743³ AEC. O livro atribuído a Oséias começa situando o período em que a personagem exerce sua atividade profética. Em Os 1,1 está escrito que a palavra de *YHWH* veio a Oséias no tempo de Ozias, Jotão e Ezequias, reis de Judá e Jeroboão filho de Joás rei de Israel. Para entendermos mais sobre o contexto histórico-social da perícopa que está sendo analisada, vale também pontuar que ao analisarmos Am 1,1 perceberemos que o profeta Amós era contemporâneo de Oséias. Apesar de Amós ser do Reino do Sul, todavia, profetiza para o reino do Norte no mesmo período que Oséias Am 7,7-13. Portanto, o contexto histórico-social em que ambos profetizam é o mesmo.

Em II Rs 9,1-15 está escrito que o profeta Eliseu orientou um profeta dizendo que, segundo a ordem de *YHWH*, deveria procurar Jeú, um dos chefes do exército e ungi-lo como rei de Israel. Visto que, segundo o profeta Eliseu, Jeú exterminaria a casa de Acab e vingaria o sangue dos profetas e dos servos de *YHWH*. Jeú cumpre o que

¹ Este versículo é provavelmente adição dos discípulos de Oseias refugiados em Judá após a queda de Samaria, atualizando para o reino do Sul a mensagem dirigida a Israel Norte. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 1585.

² Esta data foi retirada da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 2173.

³ Data foi retirada da Bíblia de Jerusalém. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 2173.

o profeta havia dito, II Rs 9-15 nos mostra, que dentre seus descendentes, quatro reis o sucederam no trono de Israel. A dinastia de Jeú reinou por cerca de cem anos, desde Jeú até Zacarias, 842-743⁴ AEC.

O penúltimo rei da dinastia de Jeú foi Jeroboão II, que durante seu reinado restabeleceu as fronteiras de Israel II Rs 14,25. Acredita-se que durante seu reinado foi um grande articulador na rede de comércio internacional. E um posto localizado próximo ao Sinai, ou seja, em Kuntillet Ajrud, distante de Israel, nos apresenta um bom exemplo dessa rede de comércio. Visto que, foi construído no século VIII por Jeroboão II, e serviu como posto comercial internacional para Samaria (Na'aman, 2015, p. 39-45). Surge um desenvolvimento sem precedentes em Israel. Escavações arqueológicas que foram realizadas na cidade de Samaria, capital de Israel Norte, mostram que já no período da dinastia omrida foram construídas grandes obras como palácios e muralhas (Kaefer, 2015, p. 89).

Porém não havia nada comparado a opulência em que vivia a elite de Samaria no período de Jeroboão II. De acordo com Catenassi e Marianno (2022, p. 90), “são as várias placas de marfim encontradas junto às ruínas do seu palácio com desenhos fenícios e egípcios”. Sob seu domínio, Israel teve um período de paz e prosperidade, sobretudo, a classe social abastada passou a obter mais lucros e riquezas. Com famílias poderosas ligadas à corte ou que faziam parte dela. Por outro lado, camponeses e pequenos proprietários eram expropriados de suas terras. O progresso favoreceu apenas uma pequena parcela da população que era formada por grandes proprietários de terras, pessoas ligadas à corte, administradores, e oficiais do exército. (Kaefer, 2015, p. 89)

Do ponto de vista geopolítico, se comparado com o reino de Judá, o reino de Israel Norte, sob a liderança dos reis que antecederam Jeroboão II, já havia sido um reino dominante, pois as terras férteis do Norte proporcionaram a plantação de trigo, vinhas e oliveiras. No entanto, durante seu reinado, a produção de óleo e oliva, se intensificaram para atender as demandas existentes, por conta das boas relações internacionais que havia entre Israel e as nações vizinhas, tais como fenícios e arameus. Israel precisava aumentar sua produção e dessa forma trouxe mais lucros para famílias mais abastadas (Römer, 2016, p. 106). Entretanto, junto com a prosperidade surgiram também desigualdades sociais e exploração. O luxo das camadas mais abastadas veio acompanhado de pauperização das camadas mais modestas (2016, p.25).

Outro ponto fundamental que precisa ser salientado diz respeito à idolatria cometida por Israel Norte. Para o profeta Oséias, esse seria um dos motivos fundamentais pelo qual Israel seria levado em cativeiro (Os 9, 1-6). Segundo Römer (2016, p. 105), não há dúvidas de que o culto a *YHWH* em Israel Norte, era bem diferente do que é apresentado pelos redatores do reino do sul”. Diferente de Judá, onde *YHWH* era adorado do templo de Jerusalém, percebe-se que em Israel Norte, existiam vários lugares de adoração e *YHWH* era comparado com um touro.

Segundo I Rs 12, 28-30, percebe-se que Jeroboão, filho de Nebate, construiu altares com estátuas bovinas em Betel e Dã, representando *YHWH*. Existe ainda, o registro da veneração de um touro, em Samaria, capital do reino do norte, como representando *YHWH* (Os 8, 5-6). Segundo Kaefer (2015, p. 16) “a estela de Mesa redigida pelo rei de Moab por volta de 840 A.E.C., mostra que havia um santuário dedicado a *YHWH* na cidade de Nebo, pois ao conquistar a cidade ele relata que trouxe de lá os vasos de *YHWH*.” O que aponta para hipótese de que em Israel Norte *YHWH* era adorado em vários lugares. Em I Rs 16,32 encontramos também a afirmação de que Acab erigiu um altar para Baal, na casa de Baal que ele tinha construído em Samaria. Possivelmente Omri, pai de Acab, construiu em Samaria um templo para adoração a Baal com lugares para adoração de outros deuses, tendo reservado nesse templo um lugar para adoração a *YHWH*, cujo principal lugar de adoração ficava em Betel (2016, p. 111).

É importante salientar que em Israel Norte *YHWH* foi adorado como Baal Os 2,18. Escavações arqueológicas têm contribuído para mostrar que no dia a dia do povo de Israel, havia adoração a vários deuses e deusas, mas principalmente aos deuses da fertilidade, assim como Baal e suas consortes Asherah e Astarte (Kaefer, 2015, p. 61). Existia uma variedade de cultos com elementos característicos dos cultos cananeus. A descrição de

⁴ Ibidem., 2173.

sacerdotes em Betel, com traços da religião Cananéia, misturados ao culto dedicado a *YHWH*, apresenta o sincretismo existente no tempo do profeta Oséias Os 10, 1-8. Para o profeta pesava também o fato de Israel estar confiando em outras nações ao invés de estar confiando em *YHWH* Os 8,8-10. Todos estes fatores seriam causadores da ruína de Israel, ou seja, contribuiria para que o Israel Norte fosse levado em cativeiro para a Assíria.

Com a morte de Jeroboão II começa a rápida decadência do reino do norte. Zacarias, seu descendente e sucessor, é assassinado no sexto mês de reinado, e o assassino e usurpador dura um mês. Em quatro anos se sucedem quatro dinastias por assassinato e usurpação. Entretanto de acordo com Catenassi e Marianno (2022, p.90-94), “nesse período, cresce o poderio da Assíria, e seu Afã expansionista, e em 745 AEC, sobe ao trono Teglath-Falasar III, que permanece no poder de 745-727 AEC, criando novamente o império assírio. A ascensão da Assíria e sua política de vassalagem, somadas à ganância dos governantes de Israel, geraram intrigas na corte e guerras internas” (Os 7, 3-7).

Além do que já foi pontuado, Israel Norte, fez alianças com outras nações, pois na tentativa de se livrar da Assíria, Israel realizou aliança com Rezin, rei de Damasco, Hiram, rei de Tiro, Peca, rei de Samaria, Hanunu, rei de Gaza e Samsi, rainha dos Árabes, e pediu à Judá que participasse dessa coalizão. Diante da recusa, Israel e Damasco entraram em guerra contra Judá, movimento conhecido como guerra Siro-efraimita, acontecida entre os anos 734 e 732 AEC, Judá pediu o socorro da Assíria que prontamente interveio II Rs 15,36-16.19. O relato acima se confirma na inscrição sumária de Tiglate Pileser III, que afirma que nessa guerra dezesseis distritos que pertenciam a Israel foram conquistados e sua população deportada (Catenassi, Marianno, 2022, p. 36-37,91).

O reino de Israel Norte deixou de existir em 722 AEC, e ao analisar Os 1,1 depreende-se haver uma cronologia parcial, visto que Uzias, Jotão e Acáz eram reis de Judá, e durante o reinado destes reis, alguns reis de Israel Norte subiram ao trono, mas seus nomes não são citados, com exceção de Jeroboão II, inclusive em II Rs 14,23-16,20 encontramos não só a história de Jeroboão II, mas também o trono de Israel Norte sendo usurpado, o que por conseguinte, culminou na mudança violenta de dinastia.

Conforme Kaefer (2015, p. 28) até a queda de Samaria, Judá praticamente era considerada como uma aldeia que não passava de mil habitantes, ou seja, Judá vivia à sombra de Israel. Contudo, com a queda de Israel Norte, muitos de seus habitantes migraram para Judá. Escavações já mostraram que a população de Jerusalém passou para cerca de quinze mil habitantes. É bem provável que muitas famílias ricas estivessem entre esses migrantes Sf 1, 8-11. Também é constatado que o tamanho da cidade passou de cinco para sessenta hectares (Kaefer, 2015, p. 28-29).

Como aponta a Bíblia Pastoral (2014, p. 1111) “com o deslocamento de muitos israelitas fugindo da deportação que estava acontecendo no reino do norte, acredita-se que os discípulos de Oséias, talvez tenham guardado fragmentos de seus oráculos e levado para o reino do sul, e que posteriormente foram reeditados”. A partir dessa reedição, o livro de Oséias passa ser uma redação deuteronomista, ou seja, de Jerusalém, que apresenta o desastre de Israel Norte como consequência da adoração a outros deuses e ao não seguimento dos mandamentos que foram prescritos por *YHWH* II Rs 17,7-23”. Portanto, após entendermos, ainda que de forma resumida, sobre o contexto histórico-social em que aconteceram os oráculos do profeta Oséias, passaremos a fazer uma análise socioteológica da perícopa de Os 2, 4-22 para depreender o cotidiano do culto, ou seja, da idolatria e dos corpos, isto é, da prostituição no dia a dia de Israel Norte.

Leitura socioteológica de Oséias 2,4-16

Oséias 2,4-5 – abertura do processo contra a mulher

Processai, contra vossa mãe, processai porque ela não minha mulher, e eu não homem dela. E tire as prostituições dela, da face dela, e adultérios dela, de entre seios dela. Senão a desperei nua, e a instale como dia o nascer dela. E ponha como deserto, e coloque como terra seca, e a faça morrer com sede.

O texto em análise inicia-se com uma acusação e ameaça, evidenciando em Os 1,2-8 um silêncio por parte de Oséias diante das ordens de *YHWH* e dos desastres ocorridos em seu casamento com Gomer. No entanto, no trecho abordado, observamos um Oséias que expressa sentimentos de ira, indignação, queixa, amor e esperança. A primeira expressão utilizada em Os 2,4^a é "processai ב'ר vossa mãe, processai". O verbo ב'ר encontra-se no Qal imperativo plural, sugerindo a existência de uma transgressão da lei ou dos ideais considerados corretos por *YHWH* para a sociedade vigente, uma vez que só há processo quando há a violação de alguma lei. O imperativo indica a necessidade de uma ação a ser tomada.

Essa fórmula literária é comumente empregada pelos profetas, como pode ser visto em Os 4,1; Is 3,13; Mq 6,1; Jr 2,9. Conforme Schökel e Dias (1991, p. 903), "[...], o marido pronuncia uma fórmula de divórcio ou repúdio, sancionando e proclamando a ruptura formal". Essa atitude expressa "uma fórmula" de rompimento jurídico entre a mulher e o homem, muito comum nas sociedades do Antigo Oriente, onde, em vez do marido realizar o rompimento, os filhos são chamados para executar esse processo" (Marquês; Nakanose, 2005, p.60).

Como mencionado anteriormente, o texto utiliza as expressões "mulher" (ou seja, "esposa") e "mãe" como metáforas de Israel, e "homem" (ou seja, "esposo") como metáfora de *YHWH*. De acordo com Reed et al (2012, p. 31), "Oséias convoca os filhos a processarem sua mãe, ou seja, o profeta está conclamando o remanescente fiel a instaurar um inquérito contra Israel I Rs 18,19". No entanto, ao analisarmos Os 1,4.6.8-9, percebemos que a convocação dos filhos para processarem sua mãe não se refere ao Israel remanescente, pois os nomes dados aos filhos revelam a indignação de *YHWH* com Israel Norte. Tal convocação pode ser interpretada como um chamado de *YHWH* para se distanciar do culto a outras divindades. *YHWH* convoca os filhos a processarem sua mãe, a esposa infiel, declarando: "porque ela não é minha esposa e eu não sou seu marido (Os 2,4b).

O motivo pelo qual Oséias afirma que Gomer não é sua esposa fica claro ao dizer "e tire as prostituições dela". O termo "prostituições" ⁵זְנוּתֵי tem origem na raiz זנח e abrange significados como uma esposa ou noiva envolvida com outro homem, incluindo relações sexuais ilícitas Nm 25,1 e idolatria ou adoração a outras divindades Os 4,13. A expressão "e adultérios dela" ⁶וְאִשְׁתֵּי זָנָהּ provém de זנח e refere-se àquele ou àquela que comete adultério, sendo utilizado em Pv 6,32 para descrever quem comete adultério com uma mulher, e também em Jr 3,6 para relatar a idolatria de Judá com pedra e madeira. Em Jr 3,1-13, a idolatria é descrita como prostituição e adultério, indicando que *YHWH* exorta seu povo, Israel Norte, a não se relacionar com outras divindades.

É relevante destacar que as sacerdotisas consideradas por alguns como "prostitutas sagradas", ostentavam sinais distintivos como ornamentos, joias, maquiagens e tatuagens, diferenciando-as das mulheres que mantinham uma aparência de piedade e santidade Pv 12,4; Oséias 2,15; Pv 7,10. Isso sugere que as características de Israel Norte estavam se assemelhando às das nações que adoravam várias divindades.

Depreende-se, portanto, no texto em apreço que a idolatria, do ponto de vista da teologia, era vista como prostituição e adultério, e que de primeira instância podia se manifestar de duas maneiras, isto é, cultural e política. O que se entendia por prostituição cultural⁸, estava relacionado a adoração à Baal e Asherah, com seus cultos de fertilidade, ao Bezerrão de ouro e outras divindades. Já a segunda vertente, aconteceu porque Israel estava passando por um momento de grande turbulência, e por isso, procurou socorro em outras nações que possuíam maior poderio militar e podiam ajudá-lo com cavalos, carros e soldados. Como já mencionado acima, no objetivo de se livrar da Assíria, Israel faz alianças com outras nações, e Judá pediu socorro para a Assíria, em outras palavras Os 4,13-15, mostra que para o profeta, Israel e Judá enxergam essas nações como novos deuses que são capazes de salvá-los (Sicre, 1996).

⁵ HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 126-127.

⁶ Bíblia TEB. São Paulo: Edições Loyola, 2020, p. 818.

⁷ Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 1585.

⁸ Bíblia de estudo arqueológica NVI. São Paulo: 2013, p. 1414

Em Os 2,5 encontramos uma expressão $\text{[}\mathfrak{D}\text{]}$ que dá continuidade ao versículo anterior. Esta partícula pode ter a ideia de fim ou consequência, mas sempre negativa (Alonso Schökel, 1997, p.536). De acordo com Hamilton (1998, p.1220), “a conjugação $\text{[}\mathfrak{D}\text{]}$ sempre aparece no início da oração (...), sua função básica é de exprimir cautela”. Dessa maneira, Os 2,5 inicia com uma ameaça a Gomer, e caso ela não abandone a forma de vida que está portando, sofrerá as devidas consequências, visto que será deixada nua, pois o marido é aquele que fornece roupas para mulher Ex 21,10: Ez 16,10. Caso não abandone sua idolatria e se volte para *YHWH*, a infidelidade de Israel o levará a ser envergonhado, tanto quanto, acontecerá a Judá (Jr 13,26: Ez 16,37.39).

Para melhor entendimento da expressão de consequência ou vergonha abordada no parágrafo anterior: “ao que tudo indica parece que deixar uma pessoa nua fazia parte de uma atitude de constrangimento com objetivo de punição Jó 17,6. Ser exposto publicamente e receber castigo corporal era uma forma dos assírios de punirem prostitutas que desobedeciam a suas leis” (Hubbard, 1993, p.81). Em outras palavras, caso Gomer não se converta, *YHWH* a colocará como o dia do seu nascimento Os 2,5, por conta das suas prostituições e adultérios. “Alguns documentos que foram encontrados na cidade de Nuzi, inclusive testamentos, mostram que geralmente esse tipo de tratamento era dado a esposa que abandonava seu marido para viver com outro homem. Esse ato era legalizado e normalmente aplicado pelos filhos” (Walton, 2003, p.775).

Depreende-se, que a expressão “como deserto”, “talvez tenha sido utilizada pela elite sacerdotal de Jerusalém para levar os camponeses a deixarem suas práticas cultuais tidas como idolatria, uma vez que, para o camponês que dependia da terra para o cultivo, ao ouvir que *YHWH* deixaria Israel como deserto, seria pavoroso, visto que só o fato de não poder plantar, já estaria envolvendo a sobrevivência do camponês e sua família.” (Lisboa, 2007) Talvez seja possível dizer, que ao utilizar a afirmação “como deserto”, Israel Norte, entenderia que a procriação e produção agrícola estariam em risco. E que a fertilidade e suprimento de Israel dependia de *YHWH*. Caso insistissem em manter relacionamento com outros deuses ficariam como deserto ou improdutivos” (Sampaio, 1999, p.70-71).

Infere-se que a afirmação de que Gomer ficaria como no dia do “nascer dela”, tem duplo sentido. Fala do dia do nascimento de Gomer, quando ela se encontrava totalmente nua, mas também fala da peregrinação de Israel pelo deserto quando ele ainda era uma criança Os 11,1;13,5 O termo deserto passa a ideia de um castigo de seca. Entretanto, o mesmo deserto pode ser comparado como um lugar de punição e sedução Os 2,16-17. Quem sabe Os 2, 5b mostre que se Gomer não deixasse sua prostituição teria consequências, dado que o dito “e a faça morrer” denota uma conclusão, ou expressa punição. Em outras palavras, a postura de *YHWH* será pedagógica, visto que levará Israel a se afastar de Baal, Ashera e outras divindades.

É crucial ressaltar, mesmo que haja a possibilidade de repetição, os hebreus integravam os povos da região do Levante, interagindo de maneira intensa com cananeus e fenícios, e adotaram algumas de suas práticas religiosas. Casavam-se com mulheres cananeias, ofereciam sacrifícios às divindades locais e participavam de festivais de colheita compartilhados com outros povos da região, evidenciando um notável sincretismo (Montalvão, 2009).

A sexualidade encontrava-se intrinsecamente vinculada à fertilidade, rituais, mitos e organização social. A religião permeava diversos aspectos da vida dos cananeus, incluindo o Israel Norte, que estava imerso nesse contexto. Na Mesopotâmia, as relações sexuais desempenhavam um papel crucial na organização social. Registros míticos e hinos aludem a práticas sexuais e elementos com conotação sexual, como “o tremor, o manejo de pênis, o beijo do falo, a arte da prostituição, a prostituição na taverna e a prostituição no templo” (Dupla, 2016, p. 106).

A questão da sexualidade representava um elo entre o humano e o divino, manifestando-se em narrativas míticas relacionadas à criação do universo e hierofanias, onde “ejacular, copular ou ter prazer era um ato de criação e manifestação das divindades” (2016, p. 100). Assim, as relações sexuais na Mesopotâmia não estavam restritas ao profano; pelo contrário, eram parte do sagrado e constituíam práticas ritualísticas que permitiam aos humanos acessarem o mundo divino.

Para além da dimensão sagrada, as práticas sexuais na Mesopotâmia também organizavam as relações políticas na sociedade, legitimando, por exemplo, o cargo de rei ou líder conhecido. Portanto, é imperativo não interpretar a prostituição exclusivamente a partir da perspectiva cristã, mas compreendê-la no contexto das práticas dos povos que habitavam o Levante quando o texto de Oséias foi produzido, pois assim conseguiremos entender as questões sociais que estavam presente no quotidiano de Israel Norte.

Oséias 2,6-7 – consequências para os filhos

E pelos filhos dela não terei compaixão, porque filhos de prostituições eles. Porque se prostituiu a mãe deles, agiu vergenhosamente aquela que os concebeu. Porque diz: irei atrás de meus amantes, que dão meu pão, e minhas águas, e minha lã, e meu linho, meu óleo, e minhas bebidas.

Em Os 11,1 percebe-se que a vontade de *YHWH* era tratar Israel Norte como filho, todavia, Os 2,6 traz a afirmação, “e pelos filhos dela não terei compaixão, porque filhos de prostituições eles” o que nos leva a entender que, por conta da sua idolatria, Israel Norte não será tratado como filho. Segundo VanGemenen, (2011, p. 1095) “antigos códigos de lei referem-se às meretrizes que frequentavam as praças públicas. Era possível casar-se com elas e os filhos resultantes eram herdeiros legais”. Entretanto, os filhos de Gomer não são resultado do relacionamento com Oséias, em outras palavras, não eram herdeiros legais, mas filhos de adultério.

A palavra *גִּמְלוּ* adultério, entre alguns significados, era entendida como a relação de um homem casado com outra mulher, e de uma mulher casada com outro homem. Por ser considerado um delito era proibido pelo decálogo Ex 20,14; Dt 5,18. Os antigos códigos⁹ de lei condenavam o adultério e prescreviam a pena de morte para esse delito. O termo também é utilizado para se referir a filhos¹⁰ de adultério ou filhos que foram gerados fora do casamento. Portanto, na expressão filhos de prostituição, está contida uma ideia que se contrapõem à promessa de *YHWH* de chamar os Israelitas de filhos do Deus vivo (Os 2,1).

Os filhos são rejeitados, tanto quanto, sua mãe Os 1,9. Eles são contaminados porque foram gerados na prostituição, ou seja, se relacionaram com outros deuses. Dessa forma, Israel Norte seria rejeitado por *YHWH* por conta da sua prostituição ou adoração a outras divindades. Sofreriam as consequências por conta da sua idolatria Os 8,5-10. A fala de Gomer em Os 2,7 “irei atrás de meus amantes, que dão o meu pão, e minhas águas, minha lã, e meu linho, meu óleo, e minhas bebidas” nos mostra que ela busca nos seus amantes antes dos que amor. O verbo *הָלַךְ* entre outros significados, também denota infidelidade¹¹ como em Nm 14,33, isto é, percebe-se que a infidelidade de Gomer se baseia na busca de dons. Que não queria depender de seu marido, mas buscava seu sustento no relacionamento com seus amantes.

De acordo com Hill e Walton (2006, p. 520-521) “infere-se, que esses amantes fossem às divindades cananeias, adoradas por Israel para obter fertilidade agrícola. Textosugaríticos atribuem as colheitas as chuvas dadas por Baal. A lã, o linho e o azeite, seriam obtidos se houvesse chuva. São produtos agrícolas essenciais para Israel Norte”. “Essa confissão supõe que *YHWH* não é Senhor da natureza, que não pudesse ajudar e salvar em todos os âmbitos da vida” (Díaz, 2016). Para Lasor, Hubbard e Bush (1999, p. 281-283) ao mesmo tempo em que o casamento de Oséias e Gomer representavam o relacionamento com *YHWH* e Israel Norte, os três filhos de Gomer simbolizam aspectos da relação de *YHWH* com seu povo. E, portanto, mostram as consequências que Israel Norte sofreria por sua adoração a outros deuses.

Outrossim, pretendo levá-los a ver esses versículos por outra perspectiva, que a prostituição, em Israel Norte, aparenta ter sido uma resposta às demandas urgentes do Estado, mantendo-se distinta da estrutura familiar. (Bacelar, 1982, p. 3-14) Houve uma notável convergência entre a sexualidade privada e pública, visando

⁹ VanGemenen, Willem A. Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento. Volume 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 5.

¹⁰ Ibidem volume 3 p. 7

¹¹ HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p.127.

a estimular a reprodução. Surpreendentemente, a prostituição parecia integrar-se aos objetivos nacionais, ao invés de prejudicá-los, diferentemente do que aconteceu no período pré-monárquico (Meyers, 1988, p. 21-23; Gottwald, 1986, p. 562-563). Este comportamento, intensificando a procriação durante os períodos de colheita¹², rompia com os intervalos habituais entre gestações, algo antes respeitado nos lares. A amamentação¹³ se destacava como um aspecto relevante da vida diária. As famílias mantinham um intervalo entre gestações para alimentar adequadamente os recém-nascidos e organizar a prole de acordo com as condições e necessidades de trabalho no campo, evitando a morte precoce das crianças e a superlotação das casas.

A intervenção estatal nesses assuntos cotidianos pode ter sido motivada pelas ameaças constantes à soberania de Israel, vindas da Assíria. Entretanto, para Israel Norte, especialmente nos últimos anos da monarquia, essa prática confrontava seus objetivos e precisava ser rompida. Isso estimulava a vivência da sexualidade fora dos limites da casa, resultando em prostituição e adultério. O texto aponta não apenas para a estigmatização dos corpos ligados à prostituição, mas também para a transcendência dessa experiência sexual para além da vida privada de Oséias e Gomer.

O termo "prostituição" utilizado no texto não deveria individualizar a situação de Gomer, parecendo mais circunstancial. Gomer fazia parte de uma sociedade imersa na prática da prostituição, inserida num contexto patriarcal. Parece que outras mulheres enfrentavam situações similares, como é mencionado em Os 4,4-19, referindo-se à prostituição das filhas e adultério das noras durante os períodos de colheita.¹⁴ A partir dessa descrição da realidade, deduz-se que outras mulheres e homens viviam experiências semelhantes às de Gomer e Oséias. A questão da prostituição nunca foi apenas um problema individual da mulher, mas sim um fenômeno que afetava toda a nação. A condição de prostituição de Gomer e seus filhos refletia a realidade nacional, mostrando que esse problema era mais amplo do que o vivenciado por esse casal em conflito.

Reconhecer que a prostituição era disseminada por toda a nação, afetando muitas outras mulheres além de Gomer, não deve minimizar o papel dos homens nessa situação. Sem a participação deles, tal prática dificilmente teria se concretizado. No entanto, é notável que o senso comum e os comentários frequentemente negligenciam a questão da participação masculina, concentrando-se em críticas severas e preconceituosas contra as questões relacionadas a sexualidade feminina. Admitindo que essa realidade afetava toda a nação, o homem que iniciou o processo de divórcio, assim como todo o povo, não estava isento de responsabilidade, pois todos se beneficiavam dos ritos e processos que faziam parte do cotidiano (Sampaio, 1999, p. 40-41).

Sobre o trecho de Os 2,7, "porque se prostituiu a mãe deles, agiu vergonhosamente aquela que os concebeu. Porque diz: irei atrás de meus amantes, que dão meu pão, e minhas águas, minha lã, e meu linho, meu óleo, e minhas bebidas", é irônico notar que o sustento da casa, paradoxalmente, vinha do pagamento pela prostituição, suprimindo necessidades básicas como mencionado no texto. Durante a fase inicial do divórcio, a narrativa enfatiza que os produtos provenientes da prostituição eram essenciais para a subsistência (Wolff, 1974, p. 34; Andersen, 1980, p. 230-231). O cerne do problema e o motivo do divórcio estavam relacionados aos bens que ela trazia para casa. Essa preocupação com os produtos revela problemas cruciais nas relações entre mulher, marido, filhos e amantes, demonstrando como interferiam nas relações familiares. O envolvimento de

¹² A título de ilustração e não de atualidade dos textos daquelas épocas de trabalho, é relevante lembrar o relato bíblico de Rute, que trata de um período de colheita onde várias pessoas de diferentes origens sociais, étnicas e gerações interagiam. Trabalhavam durante todo o dia, celebravam com vinho novo e, por vezes, nem percebiam que tinham se deitado com alguém, como evidencia a surpresa de Boaz ao acordar e encontrar Rute aos seus pés. A sensualidade e a sexualidade estão implícitas na narrativa de Rute 3:6-9. O gesto de Rute nesse relato solicita o seu "go'el" para que ele a desposse, conforme indicado em Dt 23,1; 27,20.

¹³ Conforme Wolff, naquela época, o período de amamentação das crianças durava em média três anos (Wolff, 1975, p. 73). Outro comentário menciona que era comum desmamar as crianças aos dois anos. (Schökel, e Diaz, p. 899).

¹⁴ Alguns comentaristas entendem a participação de Gomer e outras jovens em rituais nupciais ligados à fertilidade como uma prática comum em Israel (Wolff, p.12-15; Andersen; Freedman, p. 159-164). Outros partem do pressuposto da existência desses rituais de fertilidade em Israel, mas têm dificuldade em evitar uma interpretação teológica e normativa. Nesse caso, Gomer não foi apenas rotulada como prostituta e promiscua, mas também foi associada à idolatria (Mejía, p. 27-28, 1975).

todos no processo contra a mulher indica que a resolução do problema não se limitava à expulsão ou punição dela ou dos filhos.

No que diz respeito a importância desses produtos no dia a dia, é crucial ressaltar que a maioria deles, incluindo óleo e bebidas, era consumida regularmente pelas pessoas em uma casa. O foco nos produtos, Os 2,7; 10-11, instiga a reflexão sobre problemas subjacentes. Entretanto, para compreender esses conflitos, é necessário questionar quem os produz, em quais condições, quem os gerencia, controla e se apropria deles. Outras questões a serem consideradas são: se ela buscava principalmente produtos essenciais, seria porque o marido não conseguia mais prover? Se eram itens básicos, qual seria o benefício dela em adquiri-los, senão para sustentar a casa, os filhos e até mesmo o marido? A casa não estaria profundamente envolvida na política de Israel Norte? A prostituição se tornava ambígua, sendo um problema e uma alternativa, talvez a única maneira de sustentar a casa.

Destacar esse outro aspecto da dinâmica entre marido e mulher revela a compreensão do poder que a mulher detinha sobre o corpo, a reprodução e o fruto conquistado através de sua posição na prostituição. Isso proporciona a abertura para abordar os conflitos de poder em uma escala mais ampla, permeada por interesses nacionais que se beneficiavam da apropriação do produto e dos filhos, pois Israel Norte dependia deles para sustentar a estrutura tributária em âmbito nacional e internacional, em meio à ameaça assíria. Naquele período, as jovens de Israel eram exigidas a participar ritualmente na prostituição. Isso representava uma forma de estabelecer alianças para promover a fertilidade da terra e a procriação nas famílias, além de cumprir as obrigações tributárias do Estado e fornecer mais jovens para o exército (Os 4,13-14).

Com o fim do próspero reinado de Jeroboão II, surgiu a pressão do império assírio, ao qual Israel Norte estava submisso e precisava enfrentar. Nesse cenário, a importância das mulheres se intensificou. O vasto e poderoso império controlava grande parte do território do Reino do Norte, e para aplacar a voracidade do inimigo, era necessário aumentar os tributos e garantir a defesa da soberania de Israel através do fortalecimento militar (Schwantes, 1987, p. 15-18; Gottwald, 1988, 343; Sicre, 1990, p. 252).

Oséias 2,8-16 – consequência para mulher

Por isso, eis que eu cercarei teu caminho com espinheiro, e emparedarei o muro de pedra dela, e seus caminhos não encontrará. E perseguirá amantes dela, mas não alcançará eles, e procurará, e não encontrará. Então, dirá: que vá, e que retorne para meu homem, o primeiro, porque bom para mim, então do que agora. E ela não soube que eu dei para ela o trigo, e o mosto, e o óleo de oliva, e prata fiz aumentar para ela, e ouro fizeram para Baal. Por isso, retornarei e pegarei meu trigo no tempo dele, e meu mosto no tempo determinado dele, e retirarei minha lã, e meu linho para cobrir nudez dela. E agora despirei parte vergonhosa dela, aos olhos de que são os amantes dela, e ninguém não livrará da minha mão. E farei cessar todo regozijo dela, a celebração dela, a lua nova dela, e sábado dela, e toda celebração solene dela. E tornarei desolada a videira dela e figueira dela, que diz: pagamento de prostituta aquelas para mim, que deram para mim que são meus amantes. E porei como bosque, e consumirá animal de o campo. E acertarei contas contra ela dias de os baalins, em que incensou para eles, e ornou anel dela e a joia dela, e andou atrás de que eram os amantes dela, mas a mim esqueceu, enunciado de *YHWH*. Por isso, eis que eu seduzirei, e a levarei para o deserto, e falarei ao coração dela.

O v 8a inicia com a afirmação “por isso, cercarei teu caminho com espinheiro”, isto é, Oséias cercaria Gomer para que não fosse mais se prostituir com seus amantes. Talvez, esta expressão suponha que *YHWH* tomaria uma atitude contra Israel Norte, para que não buscasse confiar nas divindades pagãs e nas nações. Visto que, a raiz נָחַץ também é utilizada em Ez 16, 26.28; 23,5 para falar de aliança com estrangeiros. De acordo com VanGemerén, (2011, p.1096)¹⁵ o emprego mais comum da raiz נָחַץ é metafórico. Uma vez que se refere ao sexo ilícito, especialmente na relação de um relacionamento pactual, casamento ou contrato nupcial, pode inclusive, ser usada para se referir a infidelidade de Israel a aliança, já que essa aliança passou a ser vista como

¹⁵ VanGemerén, Willem A. Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento. Volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 1096. Optou-se por colocar a bibliografia por haver citação de mais de um mesmo volume.

casamento. Assim sendo, será primordial para o esposo, impedir que ela encontre seus amantes, pois estando sozinha e desesperada, terá que voltar para seu esposo que continua procurando reconciliação através de mudança (Os 2,9.16-18).

O v 10 “E ela não soube que eu dei para ela o trigo, e o mosto, e o óleo de oliva, e prata fiz aumentar para ela, e ouro fizeram para Baal”. Ao que parece, Israel não possuía conhecimento de *YHWH* como Deus da fertilidade. Não entendiam que era ele quem enviava a chuva e controlava o clima. Que cuidava da fertilidade da terra, dos seres humanos e dos animais. Atribuíam esses dons a Baal e outras divindades, por isso, faziam deuses de prata e ouro Os 8,4;13,2. Dessa forma, a falta do conhecimento sobre *YHWH* e suas leis, os levaria à ruína. Os 4,6; 6,6. A expressão acima tem relação direta com Os 2,7.14. E em Os 2,11 diz; “por isso, retornarei e pegarei meu trigo no tempo dele, e meu mosto no tempo determinado dele, e retirarei a minha lã, e meu linho para cobrir a nudez dela”. Infere, que em atitude de disciplina, *YHWH* tirará os grãos tão necessários para o sustento, e o linho tão importante para cobrir a nudez. Israel Norte será levado para Assíria, longe de suas terras férteis e passará por situação vexatória (II Rs 17,5-23).

A asserção contida em Os 2,12^a “e agora despirei parte vergonhosa dela, aos olhos de que são os amantes dela, “presente em Os 2,12, mostra que Gomer seria deixada nua aos olhos de seus amantes. Seria envergonhada diante deles. A palavra amantes נִזְנָנִים está no verbo *piel*¹⁶ que é a forma ativa do intensivo. Ele é utilizado para descrever uma ação intensificada, repetida ou enérgica. Aparece neste formato apenas cinco vezes na Bíblia e sempre está relacionado a algum tipo de prostituição ou sexo ilícito como em Ez 23,3. Possivelmente indicando a intensa prostituição de Gomer com seus amantes. Quiçá, mostrando a intensa confiança, relacionamento e dependência de Israel Norte nas nações vizinhas, assim como em (Ez 23,3-7).

Por conta da sua prostituição a parte vergonhosa de Gomer seria exibida por seu marido aos olhos de seus amantes, ou seja, Gomer seria deixada nua, seria envergonhada. Quem sabe, mostrando que por conta da adoração de Israel Norte à outras divindades e por sua confiança nas nações, *YHWH* iria expor seu povo diante da Assíria Os 10, 5-6; Ez 23,9. A declaração, “e farei cessar todo regozijo dela, a celebração dela, a lua nova dela, e todas as celebrações solenes dela contida em Os 2,13.” Compreende-se tratar, na realidade, do retrato da destruição e cativoiro que viria sobre Israel Norte, ao ser levado para a Assíria. A catástrofe que estava para se abater sobre os israelitas, seria tão grande, que ficariam proibidos de praticar seus rituais e costumes religiosos. A religião praticada estava sendo um ritual vazio por conta da desobediência e idolatria Am 5,21-24. As ocasiões de alegria que faziam parte das festas anuais, iriam se tornar em tempo de lamento (Os 8,5-10).

A indicação presente em Os 2,14 “e tornarei desolada a videira dela e a figueira dela, que diz: pagamento de prostituta aquelas para mim, que deram para mim os que são os meus amantes. E as porei como bosque, e as consumirá o animal de o campo”. Nos faz lembrar que a videira¹⁷ e a figueira, entre outros significados, também designam um ideal de segurança e prosperidade para Israel. São expressões, que normalmente demonstram momentos de tranquilidade e facilidade. (I Rs 5,5; Mq 4,4; Zc 3,10))Deduz-se que a expressão, “e consumirá animal de o campo”, sugere um animal selvagem, não domesticado. O que de alguma forma, nos remete se tratar de nações que eram potências internacionais e que rivalizavam com Israel. Em outros termos, a paz, segurança e prosperidade esperada por Israel Norte, não aconteceria. Visto que, seriam desolados e deportados para outra nação (Os 8,8).

A declaração, “e farei cessar todo regozijo dela, a celebração dela, a lua nova dela, e toda celebrações solenes dela “contida em Os 2,13. Compreende-se tratar, na realidade, do retrato da destruição e cativoiro que viria sobre Israel Norte, ao ser levado para a Assíria. A catástrofe que estava para se abater sobre os israelitas, seria tão grande, que ficariam proibidos de praticar seus rituais e costumes religiosos. A religião praticada estava

¹⁶ Gusso, Renato Antônio. Gramática instrumental do hebraico. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 135.

¹⁷ Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 1586.

sendo um ritual vazio por conta da desobediência e idolatria Am 5,21-24. As ocasiões de alegria que faziam parte das festas anuais, iriam se tornar em tempo de lamento (Os 8,5-10).

A indicação presente em Os 2,14 “e tornarei desolada a videira dela e a figueira dela, que diz: pagamento de prostituta aquelas para mim, que deram para mim os que são os meus amantes. E as porei como bosque, e as consumirá o animal de o campo”. Nos faz lembrar que a ³¹videira e a figueira, entre outros significados, também designam um ideal de segurança e prosperidade para Israel. São expressões, que normalmente demonstram momentos de tranquilidade e facilidade (I Rs 5,5; Mq 4,4; Zc 3,10).

Deduz-se que a expressão, “e consumirá animal de o campo”, sugere um animal selvagem, não domesticado. O que de alguma forma, nos remete se tratar de nações que eram potências internacionais e que rivalizavam com Israel. Em outros termos, a paz, segurança e prosperidade esperada por Israel Norte, não aconteceria. Visto que, seriam desolados e deportados para outra nação (Os 8,8).

A alegação presente no Os 2,15 “e acertarei contas contra ela dias de os baalins, em que incensou para eles, e ornou anel dela e a joia dela, e andou atrás de que eram os amantes dela, mas a mim esqueceu, enunciado de *YHWH*”. Mostra que o substantivo próprio, 'baalins' está no plural, o que indica vários deuses que podiam ser adorados em vários santuários, ou locais considerados sagrados para Israel Os 4,13-19. Mostra que Gomer sofreria consequências por causa da sua prostituição. Em outras palavras, que *YHWH* acertaria contas com Israel Norte por conta da sua adoração a outros deuses (Os 8,5-7; 10, 5-10).

Esta expressão pode se referir aos vários deuses existentes no panteão cananeu, e a situação se agrava pela existência de vários tipos de santuários locais nos quais os baalins eram adorados. Esse fato pode ser atestado pela variedade de títulos atribuídos a Baal. Como por exemplo: Baal-Peor Sl 106,28, Baal- Hamom Ct 8,11, Baal-Zefom Ex 14,2, Baal do Líbano e Baal de Sidom (Hill; Walton, 2006).

A declaração em (Os 2,16) “Por isso, eis que eu seduzirei, e a levarei para o deserto, e falarei ao coração dela”. Mostra que depois do marido colocar uma série de obstáculos para que a esposa não vá embora com seus amantes, mas volte para ele Os (2,8-9), e após prometer castigá-la publicamente e com dureza. (Os 2,10-15) Ainda assim, promete levá-la para o deserto, que era um lugar de punição e desolação. (Os 2,5) De outra forma, talvez seja possível dizer, que *YHWH* estava prometendo castigar Israel Norte, para que estando em sofrimento, refletissem e abandonassem a idolatria. Para que pudessem se voltar para *YHWH*, a fim de um novo relacionamento (Os 14, 1-10).

Apesar do comentário exegético feito até aqui sobre Os 2,8-16, considera-se relevante analisar o texto por outra perspectiva. A continuação da interpelação à mulher, iniciada nesse processo, fica evidente nas ações que o marido toma para impedir que ela se aproxime de seus amantes. O tom ameaçador do bloco anterior Os 4-7, oscila aqui entre possibilidades de reconciliação e novas ameaças. A intenção de impedir sua aproximação dos amantes Os 8-9 traz de volta ao discurso profético a questão dos produtos essenciais e suas implicações nas relações sociais. Entre o marido e os amantes estava a mulher, e seu acesso a eles levanta questões sobre as diversas relações de poder presentes naquela sociedade.

Nesse novo momento do diálogo, a força não está na ruptura da relação, mas na tentativa de reconstruí-la. A atitude do marido em “cercar o caminho”, é uma forma de alertar a mulher para as ilusões que envolvem a realidade: desde a origem dos produtos até seu uso em práticas religiosas. Esse último aspecto é introduzido nos Os 8-10. Essa pequena seção reitera, a importância dos produtos na disputa do casal, indicando esse ponto como capaz de despertar a consciência de ambos para os equívocos e para a superação das relações conturbadas, tanto no âmbito doméstico quanto em outras esferas sociais. A perspectiva de retomada do controle sobre a sexualidade, os produtos e os filhos por parte do homem e da mulher é evocada em confronto com o Estado. Nesse momento, o Estado parece estar representado em um de seus segmentos de poder, a religião dos baalins.

A referência a Baal ao lado dos produtos na narrativa sugere conexões entre essa divindade e as dificuldades enfrentadas pelo casal na gestão dos bens da casa e em seus relacionamentos com os amantes. Essa mencionada divindade, associada à fertilidade, é indicada como possivelmente relacionada aos problemas do casal em administrar os recursos e seu envolvimento com os amantes. A reclamação do marido, seja pela falta de

reconhecimento da mulher sobre o que ele garantia a ela, seja pelo oferecimento de ouro e prata a essa divindade em rituais Os 10-15, faria sentido somente se a mulher estivesse equivocada sobre a origem dos produtos. No entanto, parece que o equívoco não é exclusivo dela, já que a casa do marido é sustentada por produtos adquiridos dos amantes Os 2,4, e Oséias, ao casar-se com Gomer, sabia que ela, como toda a nação, estava marcada pela prostituição (Os 1,2).

Não parece adequado desconsiderar a realidade tratada até então no texto para discutir a relação de *YHWH* com a mulher ou o povo. A situação é mais complexa do que uma simples equação teológica sobre se Deus poderia ou não suprir as necessidades de fertilidade da terra e da humanidade. A questão religiosa é apenas uma parte dessa situação intrincada. Embora o aspecto da fertilidade não tenha sido debatido nesse trecho, a menção a Baal como receptor dos recursos do povo em ouro e prata indica uma abordagem mais sofisticada do uso religioso. Os grãos estavam sendo convertidos em moeda para o comércio e para a fabricação de imagens. O Estado se utilizava do tributo em espécie e da multiplicação dos filhos como potenciais trabalhadores para seus interesses, legitimando-se por meio da religião dos baalins para expropriar cada vez mais os recursos e a sexualidade das pessoas em Israel¹⁸.

Esse aspecto social, até mesmo religioso, estava presente em momentos como o casamento, o nascimento dos filhos, os relacionamentos com os amantes, a disputa do casal, as questões sobre a origem dos produtos, a menção a Baal e a confrontação explícita ao Estado Os 1,1-3,5. Em suma, essa questão permeava a vida de todos, independentemente de Gomer e Oséias, impactando a vida de todo o país (Os 1,2). A prostituição, portanto, não é apenas uma figura de linguagem no texto profético. Os dados da realidade não são isolados. A prostituição está diretamente relacionada à origem dos produtos e aos possíveis rituais religiosos de fertilidade, envolvendo amantes e marido como aqueles que fornecem ou concedem à mulher esses produtos. Esses personagens masculinos ocupavam diferentes posições de poder na sociedade. Portanto, é crucial reconsiderar as questões sociais, econômicas e religiosas à luz dessa relação triangular: marido-mulher-amantes. Isso porque os elementos aqui citados se destacam no texto.

Os dilemas decorrentes dessa realidade são fortemente refletidos no texto. O limite para uma vida digna, seja para Gomer, Oséias e seus filhos, seja para toda a nação, ilustra a seriedade da profecia sobre as relações experimentadas pelos diversos grupos sociais ao assumir o controle sobre seus corpos e tudo o que decorre disso, ou seja, relacionamentos, sexualidade, religiosidade, produção, reprodução, compreensão de *YHWH*, escolha de um sistema social etc. Embora o aspecto religioso seja real, ao priorizá-lo exclusivamente, outras informações relevantes sobre a vida cotidiana dos maridos, esposas e amantes são obscurecidas. A profecia destaca os eventos concretos resultantes, entre outros motivos, de crenças religiosas.

Enquanto o cotidiano das pessoas e suas casas não receber a devida atenção, a hermenêutica ficará comprometida, como se a relação deteriorada entre marido e mulher fosse um caso exclusivo de Oséias e Gomer, e a descrição do processo tivesse como único ou principal objetivo mostrar a atuação de *YHWH* em favor de seu povo. Entre as consequências desses saltos interpretativos, misturando a realidade do casal com a teologia extraída dela em relação ao povo de Israel Norte e *YHWH*, está a negligência dos eventos concretos e suas implicações na vida das pessoas.

Recusar a análise de Os 2,4-22 como uma exortação ao povo para reexaminar suas relações, inclusive com *YHWH*, não é o cerne da questão. Apenas reforça-se que a mediação para isso está presente no texto profético ao mencionar explicitamente a relação de Oséias e Gomer. Como resultado, a imagem do povo pode ser vista como um coletivo de homens e mulheres que, no Israel do século VIII AEC, precisavam lidar com a questão da prostituição, que afetava todo Israel Norte Os 1,2 (Sampaio, 1999, 69-83).

¹⁸ Embora essa análise apresente diferenças em relação ao acentuado viés religioso de algumas interpretações da profecia, é importante considerar as observações sobre como o Estado tributário utilizava a religião dos Baals naquela época. (Gottwald, 1986, p. 619; Schwantes, vol 9, nº 2, 1986; Sampaio, 1999, p. 103-106).

Conclusão

Concebe-se, segundo Römer (2016, p. 107-120) que os povos cananeus adoravam divindades como Baal, Ashera, Anat e outras, que no texto em análise, também eram adoradas em Israel Norte e são referidas por Oséias como amantes Os 2,15.18. Baal era um deus cananeu associado à natureza, deus da chuva e da fertilidade”. Infere-se que os israelitas, agora uma sociedade sedentária com práticas agrícolas e pastoris, não precisavam tanto de uma divindade da guerra, da conquista e da justiça, mas sim de um deus que cuidasse dos campos, das plantações, das colheitas e garantisse a fertilidade dos rebanhos. Assim, *YHWH* gradualmente adotava os atributos de Baal. ¹⁹(Gunneweg, 2005, p. 67-78).

YHWH permaneceu como o deus do povo, no entanto acreditavam que Baal era aquele que supria suas necessidades básicas. Era Baal quem provia o alimento e a bebida, as fibras e os tecidos, o vinho e o óleo Os 2,7b. Quando o povo os possuía, não expressavam gratidão a *YHWH*, mas sim a Baal, da mesma forma que, em períodos de colheitas fracas, seca ou outras calamidades, em vez de buscar *YHWH*, invocavam Baal Os 2,7a. A crença popular associava a fertilidade a Baal. Dentro de sua prática religiosa, o povo atribuía o que recebia a Baal (Smith 2006, p. 131-156).

Imagina-se que o trecho de Os 2,4-16 descreva que a adoração e devoção de Israel Norte, deveriam ser exclusivamente de *YHWH*. Retrata a adoração à outras divindades e ao bezerro de ouro como prostituição e adultério. Discorre sobre as consequências para Israel Norte por não abandonar a idolatria. Soma-se a tudo isso que os filhos e os produtos eram bens fundamentais para uma sociedade agrária, assim como para um Estado monárquico que dependia do tributo.

Portanto, a prostituição de Gomer pode ser vista não apenas como uma perversão individual, mas como uma instituição que controlava os corpos dos homens, mulheres e crianças e era utilizada por Israel Norte. A realidade representada é mais complexa que a analogia presente em Os 2,4-22 e não apenas sugere outra abordagem, mas também revela um discurso profético que não se limita a criticar as grandes estruturas de governo, exército e templo. As relações cotidianas da casa são um conteúdo que também deve ser destacado, pois apresentam o interesse de um estado que sobretudo, dependia dos corpos das pessoas e não estava preocupado que a questão da prostituição.

¹⁹ Optou-se por citar a bibliografia por haver duas obras com o mesmo autor a ano. GUNNEWEG, Antonius H. J. História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Editora Teológica : Editora Loyola, 2005.

Referência

- ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Tradução de Ivo Storniolo; José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.
- ANDERSEN F. I; FREEDMAN D. N. *Hosea*. A new translation with introduction and commentary. The Anchor Bible, Vol. 24. New York: Doubleday, 1980.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.
- Bíblia de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 3a impressão. São Paulo: Paulus, 2004.
- Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulos, 2014.
- Bíblia TEB. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. MARIANNO, Lilia Dias. *História de Israel: Arqueologia e Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- DIAZ, José Luiz Sicre. *Introdução ao Profetismo Bíblico*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2016.
- GOTTWALD, Norman. *As tribos de YHWH: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C.* São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia do Antigo Testamento: Uma História da Religião de Israel na perspectiva bíblico teológica*. São Paulo: Editora Teológica: Editora Loyola, 2005.
- HAMILTON, Victor P. In: R. L. HARRIS et al. (Org.), *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HILL, E. Andrew. WALTON, J.H. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2006.
- HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HUBBARD, A. David. *Oséias: introdução e comentário*. 3ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel*. São Paulo: Paulus, 2015.
- LASOR, William S. HUBBARD, David A. BUSH, Frederic W. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Culto no Israel do Norte, no século VIII a.C.: a concepção do livro de Oséias*. São Paulo: Revista Teológica. 2019.
- LISBÔA, Célia Maria Patriarca. *Cotidiano e violência: Uma leitura histórico-social de Oséias 1-3. Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 17, n.7/8, 2007.

MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigeyuki. *No amor e na ternura a vida renasce – Oséias: roteiros e orientações para encontros*. São Paulo: Paulus, 2005.

MEYERS, Carol. “As raízes da restrição: as mulheres no Antigo Israel”. In: Estudos Bíblicos, nº 20. Petrópolis: Vozes, s/d.

NAAMAN, N. *A New Outlook at Kuntillet 'Ajrud and Its Inscriptions*, MAARAV, 20 (1) (2013), 2015, p. 39-51.

RÖMER, Thomas. *A Origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

RÖMER, Thomas. MACCHI, Jean-Daniel. NIHAN, Christophe. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Movimentos do Corpo Prostituído da Mulher: Aproximações da profecia atribuída a Oséias*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCHWANTES, Milton. *Amós meditações e estudos*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes e Sinodal, 1987.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e Esperança no Exílio. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulus, 2007.

SCHÖKEL, Luis Alonso.; DIAZ, José Luis Sicre. *Profetas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1980. v. 1.

SICRE, José Luis. *Oséias e Amós: Amor y justicia*. Stella: Verbo Divino, 1990.

SMITH, Mark S. *O Memorial de Deus: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos).

TOSELI, Cecilia. Oséias 13 e a condenação dos touros jovens. *Estudo Bíblicos*. Petrópolis, v. 32, n. 128, 2015.

VANGEMEREN, Willem. A (org). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. 1 vol. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VANGEMEREN, Willem. A (org). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. 3 vol. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WALTON, Johon, H. et al. *Comentário bíblico Atos: Antigo testamento*. Tradução de Noemi Valéria Altoé, Belo horizonte: Atos, 2003.

WOLFF, Hans Walter. *Hosea: A Commentary on the Book of the Prophet Hosea*. Philadelphia: Fortress Press 1974.

RECEBIDO: 27/06/2025
APROVADO: 06/11/2025
PUBLICADO: 09/12/2025

RECEIVED: 06/27/2025
APPROVED: 11/06/2025
PUBLISHED: 12/09/2025

Editor responsável: Waldir Souza